

# O Oficial do Exército como Combatente

Major Paul Yingling e  
Major John Nagl, Exército dos EUA

*A batalha é o objetivo para o qual deve ser orientado todo o esforço da vida de um oficial. Ele pode viver até a idade da aposentadoria sem nunca participar de uma batalha, mas deve sempre estar pronto para uma como se soubesse a hora e o dia em que fosse começar. Então, tendo a batalha começado, cedo ou tarde, ele deve estar disposto a lutar — ele tem que lutar.*

Brigadier General C.F. Smith<sup>1</sup>

**O** OFICIAL militar deve cumprir várias funções, muitas vezes simultaneamente. Ele tem responsabilidade como combatente, como servidor da Nação, como membro da profissão de armas e como líder exemplar. Estas quatro funções são interligadas quase ao ponto da inseparabilidade, mas o exame de cada nos permite uma melhor compreensão de suas inerentes complexidades.

A premissa principal deste artigo é que o preparo para a batalha é um processo de desenvolvimento que dura toda uma vida e é um trabalho digno. Embora combater as guerras americanas não seja a única tarefa do soldado profissional, ela é a tarefa que somente o soldado profissional pode cumprir. O arranjo das atividades complexas da guerra inclui gerar, aplicar e manter o poder de combate, desde o forte até o porto e a posição de combate para chegar ao cumprimento dos objetivos da política. A maioria dos exemplos aborda o domínio do fogo direto e indireto, mas esse fato se origina mais da nossa inabilidade de discutir os outros aspectos críticos do combate do que de qualquer discussão sobre se a ponta da espada é de alguma forma mais importante que o corpo da mesma.

Desenvolver uma série de habilidades necessárias para lidar com a violência a serviço da Nação é um processo de desenvolvimento de toda uma vida, que começa quando o oficial recebe a sua comissão e continua por toda a sua carreira. O profissionalismo é a combinação

da competência e da devoção ao serviço que cresce ao longo do tempo e esse crescimento ocorre distintamente em cada indivíduo. Não há grau ou posição ou nível de educação que claramente diferencie o profissional do mero empregado. Além do mais, o relacionamento entre profissionais em diferentes estágios do desenvolvimento de sua carreira é simbiótico. O jovem profissional se beneficia da sabedoria e dignidade do mais velho, e este, do idealismo e energia do mais jovem.

A maestria na arte e ciência da guerra envolve todos os aspectos da experiência humana — física, intelectual e moral.<sup>2</sup> Para compreender plenamente as responsabilidades do oficial como combatente, devemos explorar cada um destes aspectos, detalhadamente.

## A Dimensão Física

*O Exército inspira os soldados para terem a força, a autoconfiança, e a vontade de combater e vencer em qualquer parte, a qualquer hora.*

The Army Vision, 2002<sup>3</sup>

Esta declaração do Army Vision 2002, aplica-se tanto à travessia do rio Delaware pelo General George Washington em 1776 como à travessia do rio Sava pela Força-Tarefa Eagle, em 1995. A guerra sempre foi e sempre será um esforço, não apenas contra as forças hostis mas também contra os ambientes hostis. O oficial como combatente tem o dever de se preparar e de preparar os seus subordinados para lidar com tais rigores físicos. Essa tarefa começa nos estágios iniciais do serviço de um oficial.

Depois de chegar à sua primeira unidade, espera-se de um segundo-tenente que represente, para o seu pelotão, o exemplo da tenacidade física. Tenacidade, e não apenas a aptidão física, é o padrão pelo qual os soldados julgam os seus líderes. Que o tenente esteja em excelente condição física é necessário, mas não é o suficiente. Mais

importante é a sua disposição para compartilhar os rigores físicos dos seus soldados. O primeiro-sargento John Stepanek, falando a um grupo de candidatos a oficial, disse-lhes francamente o que podiam esperar dos sargentos: “Vocês podem contar com a nossa lealdade relativa às suas posições, devoção para com as suas causas, admiração pelos seus esforços sinceros, coragem e valentia equivalentes às suas, resistência, motivação e tenacidade iguais, e um desejo de obter o sucesso equivalente ao de vocês. Não nos incomodará o calor, contanto que suem conosco. Não nos molestaremos com o frio contanto que o sintamos juntos e, se a missão assim o exigir, entraremos juntos pelas portas do próprio inferno”.<sup>4</sup>

*O dever do oficial, de se desenvolver intelectualmente, começa logo no início de sua carreira. Cada graduado do curso básico de oficiais deve demonstrar um entendimento elementar da teoria e da prática das operações de combate das pequenas unidades. Os aspectos teóricos de tais operações são expressas na doutrina do Exército. A doutrina é essencialmente a destilação da teoria sobre como melhor empregar o poder de combate para assegurar o cumprimento da missão.*

A importância da presença do líder na pior das condições — na lama e na chuva durante o treinamento ou durante o perigo máximo do combate — não pode ser exagerada. Quando o oficial suporta tais rigores junto com seus soldados, esses rigores se tornam a cola que une a unidade em uma força de combate coesa. Se o oficial se aproveita de seu grau ou posição para se isentar dos rigores, o efeito é justamente o contrário. Os mesmos rigores, suportados apenas pelos membros inferiores da unidade, tornam-se o ácido que dissolve a unidade em um grupo de indivíduos cheios de raiva e rancor, cada um imitando o líder, que procurou primeiro pelo seu próprio conforto e segurança.

À medida que um oficial se torna mais antigo, a obrigação de suportar os rigores junto aos seus soldados se torna ainda mais importante. Os oficiais sêniores que se expõem aos perigos do combate têm um efeito energizante sobre os soldados, que desafia o raciocínio comum. Grandes comandantes estão cientes desse efeito e fazem todo esforço para mostrar sua liderança no ponto decisivo, da mesma forma com que lidam com o poder de fogo, com a manobra ou com a informação. O teórico militar Carl von Clausewitz prescreveu a presença do comandante como antídoto para o cansaço do soldado: “À medida que cada homem vai enfraquecendo, com sua própria vontade

se esvanecendo, a inércia de todos irá depender apenas da vontade do comandante. O ardor de seu espírito deve reacender a chama do propósito nos demais, o seu fogo interior deve fazer reviver as suas esperanças”.<sup>5</sup>

O General Matthew Ridgeway, famoso por sua presença na frente de combate, resumiu assim o assunto: “Eu acreditava no antigo conceito de que era importante para o moral dos homens ver “o velho” lá, na neve, na chuva e na lama, compartilhando do mesmo frio, da existência miserável que tinham que agüentar”.<sup>6</sup> A habilidade de Ridgeway para inspirar os seus soldados a encararem o perigo e os rigores procedia unicamente de sua credibilidade. Ele não enviava os seus soldados à batalha de dentro do conforto de um QG. Ele os liderava na batalha e compartilhava com eles dos perigos e rigores no processo.

## A Dimensão Intelectual

*A nação que insiste em traçar uma ampla linha de demarcação entre o homem que luta e o homem que pensa corre o risco de ter os seus combates travados por tolos e o seu pensar efetuado pelas mentes de covardes.*

Sir William Francis Butler<sup>7</sup>

A coragem é um atributo necessário a cada soldado, mas a coragem, apenas, nunca será suficiente para permitir ao oficial exercer as suas tarefas como combatente. Um conhecimento abrangente da teoria e da prática da guerra deve governar a sua coragem. Tal conhecimento lhe permite vencer as guerras da Nação a um custo aceitável em sangue e bens. Na ausência de tal conhecimento, a guerra se torna “apenas matança” (para usar a crítica dolorosamente precisa dos Confederados, relativa às táticas da União em Fredericksburg).

O oficial como combatente tem o dever de educar-se e de educar os seus subordinados na teoria e na prática da guerra. Essa educação treina o oficial não sobre o que pensar mas sobre como pensar. Desta maneira, os oficiais desenvolvem em si e em seus subordinados o que J.F.C Fuller descreve como uma “inteligência criativa”.<sup>8</sup> A aplicação da inteligência criativa permite aos oficiais saber quando aderir à antiga sabedoria e quando desprezar o que é convencional para tentar o que não é. Em tal tipo de educação, a teoria e a prática permanecem inextricavelmente ligadas, cada uma complementando a outra. O oficial que estuda teoria menosprezando a prática se degenera no que Fuller chama de “escolasticismo militar”. Esse oficial não percebe o esforço de vida e morte do combate e vê os seus soldados apenas como peças a serem habilmente manipuladas e, por fim, sacrificadas. O oficial que se apega apenas às práticas antigas, desinformado sobre a teoria e cego à inovação, arrisca se tornar “a mula do Príncipe Eugênio” — Frederico, o Grande, comentou que o infeliz animal, depois



Departamento de Defesa

*Mathew B. Ridgway, inspecionando a 25ª Divisão de Infantaria na frente central oeste da Coreia em março de 1951.*

de ter participado de umas 40 campanhas, continuava a ser apenas uma mula.

O dever do oficial, de se desenvolver intelectualmente, começa logo no início de sua carreira. Cada graduado do curso básico de oficiais deve demonstrar um entendimento elementar da teoria e da prática das operações de combate das pequenas unidades. Os aspectos teóricos de tais operações são expressas na doutrina do Exército. A doutrina é essencialmente a destilação da teoria sobre como melhor empregar o poder de combate para assegurar o cumprimento da missão. Até mesmo o mais básico exercício de combate, sobre como reagir ao contato, é fundamentado em uma teoria do relacionamento entre o fogo e a manobra. Os aspectos práticos de tais operações incluem o conhecimento técnico necessário ao emprego dos recursos disponíveis para cumprir as missões designadas.

O novo oficial começa imediatamente a usar esse conhecimento quando se depara com a sua primeira tarefa. Os comandantes esperam que os segundo-tenentes cumpram as suas missões aplicando a doutrina e os recursos do Exército nos problemas do mundo real. Os sargentos, com a riqueza de sua experiência, ajudam os jovens oficiais a porem em prática a doutrina e os recursos. Todo bom comandante aconselha o novo tenente a “ouvir os seus sargentos”. Mas este conselho não significa: “faça o que o seu sargento mandou fazer”. Na ver-

dade, significa, “compreenda o que o seu sargento sabe”. À medida que o jovem oficial adquire mais experiência, seu entendimento das aplicações e limitações da doutrina

*O jovem oficial aprende cedo a usar a sua autoridade legal com moderação e a exercer a sua autoridade moral com firmeza. A unidade liderada por um oficial sob ameaça de castigo em breve se dissolverá frente ao inimigo. Porém, a unidade ligada por uma crença comum no que é verdadeiro, correto e justo é fortalecida pelos desafios do combate. Os sargentos ensinam aos jovens oficiais a falar com os soldados de maneira a não ameaçá-los com punição por agirem errado, mas sim explicando-lhes a necessidade de agirem corretamente.*

aumenta também.

À medida que os oficiais avançam em antigüidade, suas responsabilidades aumentam e a sua educação deve também progredir. O tenente lidera o pelotão e conduz exercícios de combate sobre um objetivo pequeno. O tenente-coronel comanda uma força-tarefa e emprega táti-

cas de armas combinadas em toda uma área de operações. O tenente-general comanda uma força-tarefa conjunta e aplica a arte operacional para chegar aos objetivos da política nacional.

À medida que os desafios do oficial se tornam mais singulares e complexos, a doutrina vai ficando para trás, trazendo à tona, em alto relevo, a inteligência criativa do comandante sênior — Robert E. Lee, em Chancellorsville — ou a falta dela — George A. Custer, em Little Bighorn. Lee e Custer violaram o princípio da massa ao dividir as suas forças na presença de um inimigo numericamente superior. Celebra-se a Lee pela sua audácia, e com razão. Por outro lado, Custer é condenado pela sua estupidez. O intelecto do comandante pode, muito bem, fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso. O Exército deve continuar a reconhecer e encorajar o desenvolvimento intelectual de seus combatentes para que saibam quando devem seguir a doutrina, quando devem violá-la e quando devem escrevê-la pelas suas ações nos futuros campos de batalha.

## A Dimensão Moral

*Somos completamente devotados; praticamente membros de um sacerdócio cujo único propósito é o de defender a República.*

General George C. Marshall<sup>9</sup>

Embora cada aspecto da guerra exija muito, apenas o aspecto moral dela é paradoxal. Para proteger o Estado dos perigos da anarquia, o combatente deve ser feroz o bastante para matar os inimigos do mesmo. Mas para proteger o Estado dos perigos da tirania, ele deve ter suficiente compaixão para respeitar a liberdade dos cidadãos. Diante deste paradoxo, Sócrates perdeu as esperanças de fundar uma república que fosse tão segura quanto justa.

A república americana provou que Sócrates estava errado. O nosso país é, nas palavras eternas do Presidente Abraham Lincoln: “uma nação concebida na liberdade e dedicada à proposição de que todos os homens foram criados iguais”.<sup>10</sup> Este conceito, que os oficiais americanos juram defender contra todo inimigo estrangeiro e interno, encontra-se lavrado na mais antiga constituição do mundo, a Constituição dos EUA.

Um oficial adquire a autoridade legal e moral para o emprego da força pela sua subordinação aos ideais americanos. Legalmente, o Presidente e o Congresso conferem a autoridade ao oficial, na forma de uma comissão que lhe dá ampla autoridade para agir dentro da lei para proteger a Constituição. Moralmente, a autoridade do oficial é derivada do seu papel como servidor da sociedade. O oficial que subordina a sua segurança e conforto pessoal à segurança da sociedade inspira seus subordinados a fazerem o mesmo. O Exército americano, de cidadãos

livres, inspirados pelos exemplos do serviço abnegado, tem sido e continuará a ser a mais potente força militar do mundo. O cemitério da história encontra-se cheio de tiranos e criminosos que subestimaram o poder das armas e dos ideais americanos.

O jovem oficial aprende cedo a usar a sua autoridade legal com moderação e a exercer a sua autoridade moral com firmeza. A unidade liderada por um oficial sob ameaça de castigo em breve se dissolverá frente ao inimigo. Porém, a unidade ligada por uma crença comum no que é verdadeiro, correto e justo é fortalecida pelos desafios do combate. Os sargentos ensinam aos jovens oficiais a falar com os soldados de maneira a não ameaçá-los com punição por agirem errado, mas sim explicando-lhes a necessidade de agirem corretamente. Em 1879, o Major General John Schofield disse aos cadetes de West Point que: “a disciplina que faz com que soldados de um país livre sejam competentes na batalha não é criada pelo tratamento indigno ou tirânico”.<sup>11</sup> Uma nação fundada para assegurar a dignidade de todo cidadão só pode ser defendida por soldados que recebam o mesmo nível de dignidade.

Quanto maior a experiência do oficial, maior a importância de empunhar armas de acordo com os ideais da América. Na curta história dos EUA, o mundo tem se tornado menor e mais perigoso e o seu Exército tem se tornado, por necessidade, maior e mais poderoso. Uma força tão poderosa pode ser tanto instrumento do mal como do bem, dependendo do caráter de quem a emprega. O oficial tem o dever de cumprir com os objetivos da política por meio da aplicação da violência. Entretanto, essa violência deve ser empregada de maneira coerente às leis americanas, com as obrigações aceitas em tratados e com a própria decência. O oficial deve se lembrar que leva à batalha não apenas as armas da América, mas também a sua honra.

O Exército é criado por uma sociedade livre para preservar a liberdade do povo americano e a dos seus aliados; não pode nunca ser empregado como instrumento de repressão nem no além mar nem em casa. O desafio singular do oficial é o de exercer o enorme poder das armas americanas de maneira a inspirar o receio e o temor nos seus inimigos e, ao mesmo tempo, receber o respeito e a admiração dos seus cidadãos.

## Mudanças nos Desafios da Liderança

*Em meio a esta confusão de mudanças e desenvolvimento, sua missão permanece imutável, determinada, inviolável — a de vencer nossas guerras.*

General Douglas MacArthur<sup>12</sup>

O mundo mudou dramaticamente nos últimos anos, causando grandes transtornos à profissão militar. Os eventos de 11 de setembro de 2001 não foram os únicos



Departamento de Defesa

Hamid Karzi e Frank L. "Buster" Hagenbeck conversam com soldados da 10ª Divisão de Montanha no campo de pouso Bagram, no Afeganistão em 30 de março de 2002.

que criaram novos desafios para o oficial; o final da Guerra Fria também nos forçou a reavaliar as nossas responsabilidades. A dissolução da nação-estado e do sistema político com o ânimo e a capacidade para erradicar os EUA foi uma mudança fundamental no sistema internacional, criando as correspondentes mudanças nas responsabilidades do oficial. Somos os guardiões da posição de nossa Nação na ordem mundial. Quando essa ordem mudar, assim também deverão mudar as nossas responsabilidades.

O fim da União Soviética não minimizou os desafios do oficial profissional. Ao contrário, quando a ameaça à Nação é evidente e simétrica, os desafios físico, moral e especialmente intelectual do oficial são comparativamente simples de se entender, mesmo que não sempre fáceis de se vencer. Gerações inteiras de oficiais do Exército amadureceram comendo, dormindo e respirando as táticas e a organização do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha (Group of Soviet Forces in Germany — GSFG). Até hoje são capazes de indicar o número de veículos de combate de infantaria anfíbias soviéticas, das forças de reconhecimento, divisionária e regimental, que esperavam ver em uma zona de ação de brigada antes que a patrulha de reconhecimento de combate mostrasse a sua muito querida cara. Porém, quando não podemos mais ter certeza a respeito da ordem de batalha do inimigo, ou mesmo definir quem

o inimigo possa ser, a tarefa do oficial se torna correspondentemente mais difícil.

*O único propósito da guerra é o de criar uma paz melhor. À medida que o oficial aplica a sua perícia na guerra, deve sempre lembrar disso. O oficial do século XXI deve ser capaz de fazer a rápida transição por todo o espectro das operações. Para criar a paz melhor, ele deve ter a capacidade de liderar tropas na conduta de operações ofensivas, defensivas, de estabilidade e de apoio.*

Os oficiais do século XXI não se desfizeram de nenhuma de suas responsabilidades como combatentes competentes. A atual situação da invasão do Iraque nos lembra que a competência em operações com blindados continua a ser essencial para a sobrevivência da Nação. Mas, mesmo enquanto aprimoramos as nossas técnicas de tiro com carros de combate, e à medida que a nossa infantaria leve e os nossos soldados das Forças Especiais continuam a procurar por Osama bin-Laden em outros países do Oriente Médio, somos lembrados que tanto a guerra como a paz são atividades políticas.

MacArthur é lembrado na história tanto por ter escrito a Constituição japonesa e por ter estabelecido um Japão pós-guerra estável e pacífico como pela sua campanha de ilha em ilha no Pacífico. O Exército não apenas vence as guerras como também mantém a paz em quase todas as partes em que pisa. Na Alemanha, na Bósnia, em Kosovo, na Coreia, no Japão, no Afeganistão, no Kuwait e agora no Iraque, os oficiais do Exército dos EUA servem aos interesses da Nação mantendo a estabilidade e agindo para dissuadir agressores em potencial. A manutenção da paz é uma função da guerra que representa um papel importante da profissão do oficial militar e provavelmente terá mais importância no mundo de pós-Guerra Fria.

O único propósito da guerra é o de criar uma paz melhor. À medida que o oficial aplica a sua perícia na guerra, deve sempre lembrar disso. O oficial do século XXI deve ser capaz de fazer a rápida transição por todo o espectro das operações. Para criar a paz melhor, ele deve ter a capacidade de liderar tropas na condução de operações ofensivas, defensivas, de estabilidade e de apoio. Estas operações podem ocorrer simultaneamente e a transição de uma para a outra muitas vezes será feita à discrição dos comandantes de pequeno escalão. O oficial que vence a guerra e perde a paz equivale ao cirurgião que salva a perna do paciente às custas da sua espinha dorsal.

As exigências físicas da manutenção da paz não diferem apreciavelmente das da guerra. É tão essencial para o pacificador em reconhecimento em Kosovo manter-se

alerta e fisicamente preparado quanto o é para o chefe de carro de combate no Kuwait. Porém, as exigências morais, e especialmente, intelectuais, do oficial profissional são muito mais complicadas em um mundo onde os oficiais servem tanto para dissuadir e impedir uma guerra como para vencê-la. Os oficiais devem entender e apreciar os idiomas e culturas de um número de nações e estados que possam ou não representar uma ameaça para a Nação. A maneira como os oficiais desempenham as suas funções pode ser decisiva para determinar se esses estados tornar-se-ão aliados ou inimigos.

Em 11 de setembro de 2001, fomos lembrados mais uma vez que a segurança militar por si só não é suficiente. As forças armadas mais poderosas do mundo ficaram incapacitadas diante do ataque covarde contra civis indefesos. Em sua cerimônia de posse em 1961, o Presidente John F. Kennedy fez “um apelo para suportar uma luta longa e duradoura, ano após ano, ‘unidos na esperança, pacientes nos momentos difíceis’ — uma luta contra os inimigos comuns do homem: a tirania, a pobreza, a doença e a própria guerra”.<sup>13</sup> Hoje, os oficiais do Exército devem reconhecer a verdade fundamental das palavras de Kennedy. A vitória na longa luta que nos foi legada exigirá todas as energias físicas, morais e intelectuais que pudermos reunir para nos prepararmos para as responsabilidades que teremos, como combatentes e oficiais do mais poderoso e vital Exército do mundo. **MR**

---

## Referências

1. C.F. Smith, citado em Bruce Catton, *This Hallowed Ground: The Story of the Union Side of the Civil War* (Garden City, NJ: Doubleday and Co., 1956), pp. 71-72.
2. Nossa divisão das responsabilidades do oficial foi tomada de J.F.C. Fuller, *Generalship: Its Diseases and Their Cures* (Harrisburg, PA: Military Service Publishing Company, 1936).
3. Citado em Lawrence P. Crocker, *Army Officer's Guide*, 45ª edição. (Harrisburg, PA: Stackpole Books, 1990), p. 61.
4. John Stepanek, “As a Senior NCO Sees It,” *Army Digest* (August 1967): pp.5-6.
5. Carl von Clausewitz, *On War*, editores. Michael Howard e Peter Paret (New York: Alfred A. Knopf, 1993), p. 121.
6. Matthew Ridgeway, citado no *U.S. Army, FM 22-100, Army Leadership* (Washington, DC: Department of the Army, p. 31 agosto de 1999), pp. 6-30.
7. Sir William Francis Butler, citado pelo deputado do estado do Missouri,

8. Skelton, *Conference on Military Education for the 21st-Century Warrior, Naval Post-Graduate School e o Office of Naval Research*, acessado online na <<http://web.nps.navy.mil/FutureWarrior/Remarks/Skelton.html>>, 15 de outubro de 02.
9. Fuller, p. 35.
10. George C. Marshall, citado em Forrest C. Pogue, George C. Marshall, vol. 3, *Organizer of Victory, 1943-1945* (Nova York: Viking, 1973), pp. 458-59. Citado em Eliot A. Cohen, *Supreme Command* (New York: The Free Press, 2002), p. 205.
11. Abraham Lincoln, “The Gettysburg Address,” citado em Jerome Agel, editor, *Words that Make America Great* (Nova York: Random House, 1997), p. 216.
12. Citado em *USMA, Bugle Notes* (Nova York: USMA, 1984), p. 245.
13. Douglas MacArthur, *Thayer Award Acceptance Speech*, 12 de maio de 1962, citado em *Bugle Notes*, p. 48.
14. John F. Kennedy, Cerimônia de Posse, Washington, DC, 20 de janeiro de 1961.

---

*O Major John Nagl é Oficial Exectuivo do 1º Batalhão do 34º Regimento de Carros de Combate, Forte Riley, Kansas. É Bacharel pela Academia Militar dos EUA, Mestre e Doutor em filosofia pela Oxford University e Mestre em arte e ciência militar pela ECEME. Serviu em várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, no sudoeste asiático e na Alemanha. Ensinou relações internacionais e estudos de segurança nacional na Academia Militar dos EUA. É autor do livro Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam (Westport, CT: Praeger, 2002).*

*O Major Paul Yingling é chefe de planejamento na 2ª Divisão de Infantaria, na Coreia. É Bacharel pela Duquense University, Mestre pela University of Chicago e graduado da ECEME e da Escola de Estudos Militares Avançados. Serviu em várias posições de estado-maior e como comandante de subunidade no território continental dos EUA, na Alemanha, na Bósnia-Herzegovina e na Coreia.*